

I

Santa Rosa

— Mundo louco — disse uma vez mais a mulher, como num arremedo, como se estivesse a traduzir o que dizia.

Eu ouvia-a através da parede. Imaginei a sua boca em movimento diante do bafo de gelo e fermentação do frigorífico ou da cortina de varetas cor de madeira escurecida que devia manter-se hirta entre a tarde e o quarto de cama, cobrindo de sombra a desordem dos móveis acabados de chegar. Escutei, distraído, as frases intermitentes da mulher, sem acreditar no que dizia.

Enquanto a sua voz, os seus passos, o roupão de trazer por casa e os braços cheios que eu lhe supunha passavam da cozinha para o quarto, um homem repetia monossílabos, concordando, sem se entregar por completo à ironia. O calor que a mulher ia cortando reagrupava-se então, eliminava as fissuras e abatia-se pesadamente em todas as divisões, nos vãos das escadas, nos recantos do edifício.

A mulher andava num vaivém na divisão única do apartamento ao lado, e eu ouvia-a da casa de banho, de pé, com a cabeça curvada por baixo de uma chuva quase silenciosa.

— Nem que se me parta o coração aos bocados, juro — disse a voz da mulher, cantando um pouco, com o fôlego cortado no final de cada frase, como se um obstáculo obstinado aparecesse uma e outra vez para a impedir de confessar alguma coisa. — Não lhe vou pedir de joelhos. Se foi isso que ele quis, agora já o tem. Eu também tenho o meu orgulho. Apesar de me doer mais do que a ele lhe dói.

Escutei por um momento o silêncio do apartamento dentro do qual se ouviam repicar pedaços de gelo redemoinhando nos copos. O homem devia estar em mangas de camisa, corpulento e sisudo; ela careteava nervosa, consternando-se com o suor que lhe escorria sobre o lábio e no peito. E eu, do outro lado da parede delgada, estava nu, de pé, coberto de gotas de água, sentindo-as evaporar-se, sem me decidir a agarrar na toalha, olhando, para lá da porta, o quarto sombrio onde o calor acumulado rodeava o lençol lim-

po da cama. Pensei, deliberadamente agora, em Gertrudis; a querida Gertrudis com as suas longas pernas; a Gertrudis com uma cicatriz antiga e esbranquiçada no ventre; a Gertrudis calada e pestanejante, engolindo por vezes o seu rancor como saliva; a Gertrudis com uma roseta de ouro no peito dos vestidos de festa; a Gertrudis, com o saber da memória.

Quando a voz da mulher voltou pensei na tarefa de olhar sem desgosto a nova cicatriz que Gertrudis iria ter no peito, redonda e complicada, com nervuras de um vermelho ou de um rosa que o tempo transformaria talvez numa confusão pálida, da cor da outra, delgada e sem relevo, ágil como uma assinatura, que Gertrudis tinha no ventre e que eu tantas vezes reconhecera com a ponta da língua.

— Posso ficar com o coração destruído — disse a mulher ali ao lado — e o mais certo é nunca mais voltar a ser a mesma que antes. O Ricardo fez-me chorar tantas vezes como uma louca, durante estes três anos. Há muitas coisas que você não sabe. Desta vez não me fez nada pior do que me tinha feito antes. Mas agora acabou-se.

Devia estar na cozinha, baixando-se diante do frigorífico, rebuscando lá dentro, refrescando a cara e o peito com o ar gelado em que endureciam cheiros vegetais, oleosos.

— Não vou dar um passo que seja, nem que se me desfaça o coração. Nem que ele venha pedir-me de joelhos...

— Não diga isso — disse o homem. Suponho que teria avançado, sem fazer barulho até à porta da cozinha, e com um braço cabeludo apoiado na ombreira e o outro encolhido segurando o copo estaria a olhar de cima para baixo o corpo acorçado de mulher. — Não diga isso. Todos cometemos erros. Se ele, digamos... Se o Ricardo viesse pedir-lhe...

— Não sei o que lhe hei-de dizer, acredite — confessou ela. — Sofri tanto por ele! O melhor é tomarmos outro, não acha?

Tinham de estar na cozinha porque ouvi o gelo bater no lava-louças. Tornei a abrir o duche e sacudi os ombros cobertos de água enquanto pensava na manhã, umas dez horas antes, em que o médico fora cortando cuidadosamente, ou de um só golpe que não dispensava o cuidado, o peito esquerdo de Gertrudis. Teria sentido vibrar o bisturi na mão, sentido como o fio passava de uma branda consistência de gordura a uma dureza seca e cerrada, depois.

A mulher bufou e desatou a rir; alterada pelo ruído do duche, chegou-me uma frase:

— Eu e os homens, se você soubesse! — Afastou-se em direcção ao quarto e fez bater as portas da varanda. — Mas não me sabe dizer quando é que a tempestade de Santa Rosa vai chegar?

— Tem de ser hoje — disse o homem, sem a seguir, erguendo a voz. — Não tenha pressa, que antes da madrugada rebenta.

Então descobri que estivera a pensar sempre na mesma coisa desde havia uma semana, lembrei-me da minha esperança de um milagre impreciso que

a Primavera faria para mim. Havia horas que um insecto zumbia, desorientado e furioso, entre a água do duche e a última claridade da janela de fresta. Sacudi a água como um cão, e dirigi os olhos para a penumbra do quarto, que devia estar a latejar de calor aprisionado. Não me seria possível escrever o argumento de filme do qual me falara Stein enquanto não conseguisse esquecer aquele peito cortado, agora sem forma, a achatar-se em cima da mesa de operações, como uma medusa, oferecendo-se como uma taça. Não era possível esquecê-lo, embora me dedicasse a repetir que brincara a mamar nele, naquilo. Via-me obrigado a esperar, e a pobreza comigo. E todos, no dia de Santa Rosa, a pobre mulher que acabava de se mudar para o apartamento vizinho, o insecto que girava no ar perfumado pelo sabão de barbear, todos os que viviam em Buenos Aires estavam condenados a esperar comigo, sabendo-o ou não, bocejando como idiotas no meio do calor ameaçador e agoirento, espiando a breve tempestade altissonante e a primavera que imediatamente a seguir abriria o seu caminho a partir do litoral para transformar a cidade num território pródigo onde a sorte poderia surgir, repentina e completa, como um acto da memória.

A mulher e o homem tinham voltado, perdendo-se, para o quarto.

— Juro-lhe que não houve outra loucura como a nossa — dissera ela ao sair da cozinha.

Fechei o duche, esperei que o insecto se aproximasse para o derrubar com a toalha, esmagá-lo contra a grade do escoadouro, e entrei nu e a escorrer água no quarto. Pela persiana vi a noite que começava a enegrecer para os lados do Norte, calculei os segundos que decorriam entre cada relâmpago. Enfiei duas pastilhas de mentol na boca e estendi-me na cama.

Ablação da mama. Uma cicatriz pode ser imaginada como um corte irregular praticado numa taça de borracha, com as paredes grossas, que contenha uma matéria imóvel, rosada, com bolhas à superfície, e que dê a impressão de ser líquida quando fazemos oscilar a lâmpada que a ilumina. Também pode pensar-se em como será quinze dias, um mês depois da intervenção, com uma sombra de pele a esticar-se por cima dela, translúcida, tão delgada que ninguém se atreveria deter nela por muito tempo os olhos. Mais tarde as rugas começam a insinuar-se, formam-se e alteram-se; agora, sim, já é possível olhar a cicatriz às escondidas, surpreendê-la nua uma noite e prognosticar que rugosidade, que traçados, que tons de rosa e branco prevalecerão e virão a ser definitivos. Além disso, um dia Gertrudis voltaria a rir-se sem motivo banhada pelo ar de primavera ou de verão da varanda e olhar-me-ia com os olhos brilhantes, fixamente, por um momento. A seguir esconderia os olhos, e deixaria um sorriso acompanhado por um laivo de desafio nos cantos da boca.

Chegaria então o momento de a minha mão direita, a hora de farsa de apertar o ar, exactamente, uma forma e uma resistência que ali não estavam e que ainda não tinham sido esquecidas pelos meus dedos. «A palma da mi-

nha mão terá medo de se tornar exageradamente côncava, as polpas dos meus dedos terão de roçar a superfície áspera ou resvaladiça, desconhecida e sem promessa de intimidade da cicatriz redonda.»

— Entenda. Não é por causa da festa nem do baile, mas por causa do gesto — disse a mulher do outro lado da parede, próxima e por cima da minha cabeça.

Talvez estivesse estendida na cama, como eu, numa cama igual à minha, que podia ser escondida na parede e dela exumada à noite por entre desesperados gemidos de molas; o homem, corpulento, com um assanhado bigode castanho, poderia estar, sem deixar de beber, afundado numa cadeira de braços ou a suar, prisioneiro de um respeito imaginário, junto aos pés descalços da mulher. Vê-la-ia falar, concordando, sem nada dizer; por vezes desviaria os olhos, fascinado pelas unhas dos pés, pintadas de vermelho, e os dedos curtos que ela moveria ritmicamente, sem dar por isso.

— Pouco me importa o carnaval, imagine-se! Na minha idade, já não vou perder a cabeça por causa de um baile. Mas era o primeiro baile de carnaval a que estávamos para ir juntos, o Ricardo e eu. E digo-lhe com todas as letras, como lho disse a ele, que se portou como o filho de uma cadela. Diga-me lá o que é que lhe custava dizer-me que não podia, «olha, tenho outra coisa para fazer», ou «não me apetece». Se não tem confiança em mim, diga-me lá em quem mais há-de tê-la. Uma mulher nunca se engana; fingimo-nos enganadas, isso sim, e muitas vezes, o que não é a mesma coisa. — Riu-se sem amargura, entre duas tosses. — Até podia dizer-lhe os nomes; ele caía de costas se soubesse as coisas que eu sei dele e não disse por discrição. Nem ele sonha. Mas diga-me se não é diferente, uma noite de carnaval, o primeiro baile a que íamos juntos. E batem as onze, a meia-noite e o cavalheiro sem aparecer. Eu cheguei a explicar à Gorda a pena que tinha por causa de o Ricardo não poder sair até tão tarde. Pena por ele, imagine, pensando que estava a perder uma ocasião de se divertir. Eu estava vestida de antiga dama; mas de preto, com o cabelo branco.

A mulher riu-se, três jactos de riso; ao contrário da voz, ansiosa, que se detinha inesperadamente para assinalar o final de cada frase, o riso parecia ter estado contido, formando-se, durante muito tempo, e irromper de súbito, entrecortado, como um relincho fraco.

— A Gorda, pobre dela, estava verde de raiva. Tinha perdido a noite por nossa causa, e acabou por se ir embora. Já era dia claro quando acordei sentada naquele cadeirão assim para o grande (não sei se chegou a conhecê-lo) que tínhamos em Belgrano, com a peruca caída e aquele enorme ramo de jasmim no chão. Com o calor que fazia, e tudo fechado, aquilo parecia realmente um velório.

«... E aqui há-de estar a Gertrudis meio morta — pensei —, durante a convalescença, se tudo correr bem. Com essa besta nojenta do outro lado de uma parede que parece de papel. E, apesar de tudo, quando a vir amanhã na

casa de saúde, se ela puder falar, se eu puder vê-la, se vir que não há-de morrer desta, hei-de poder, pelo menos, apertar a mão dela na minha e dizer-lhe que já temos vizinhos. Porque se puder falar ou ouvir-me e não estiver a sofrer muito, eu não terei nada de mais verdadeiro para lhe dizer, nada de mais importante do que a notícia de haver alguém que se mudou para o apartamento do lado, o H. Ela há-de sorrir, de fazer perguntas, melhorar, voltar para casa. E vai chegar o momento da minha mão direita, dos lábios, de todo o corpo; o momento do dever, da piedade, do terror de humilhar. Porque a única prova convincente, a única fonte de felicidade e confiança que posso oferecer-lhe será levantar e deixar mergulhar em plena luz, no peito mutilado dela, uma cara rejuvenescida pela luxúria, beijar-lho e enlouquecer ali.»

— Não é um capricho — dizia agora a mulher à porta. — Desta vez é para sempre.

Levantei-me com o corpo seco, ardente; escorregando e apoiando-me no calor fui levantar o óculo da porta da entrada.

— Vai ver que tudo se arranja — repetiu o homem, tranquilo, invisível.

Vi a mulher; não tinha roupão, mas um vestido escuro e justo, mas os braços, despidos, eram cheios e brancos. A voz, interrompendo-se como que esmagada em algodão contra a moleza da respiração sufocada, irrompia uma e outra vez para repetir que nada podia ser mudado, sem deixar de sorrir ao homem que me mostrava agora um ombro cinzento, a aba escura do chapéu na cabeça.

— Pode estar certo. Uma pessoa acaba por se cansar. Não é assim?